

# A CASA: LUGAR DE AFAGOS E DE CONFLITOS

## THE HOME: A PLACE OF CARESSES AND CONFLICTS

Pedro Vilarinho Castelo Branco<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a produção discursiva de um grupo de escritores piauienses que, nas primeiras décadas do século XX, utilizam a literatura como estratégia de ação para prescrever à sociedade novas formas de perceber e vivenciar as relações familiares e o espaço da casa. O principal argumento se organiza em torno da idéia de que esta produção discursiva buscava oferecer parâmetros culturais que favorecessem o rompimento com práticas culturais tradicionais, que apontavam para certa indistinção entre os espaços públicos e privados.

**Palavras-chaves:** espaços privados, afetos, literatos.

**Abstract:** This study analyses the writings of a group of authors from the state of Piauí who, in the first decade of the 20<sup>th</sup> century, used literature as a strategy for prescribing to society new ways of perceiving and experiencing family relationship within the home. The main argument is organized around the idea that these writings aimed to offer cultural parameters that favored on the one hand a break with traditional cultural practices, which maintained a certain lack of distinction between public and private spaces.

**Keywords:** private spaces, affection, writers.

A proposta do presente texto é discutir alguns trabalhos literários de Abdias Neves<sup>2</sup> e Clodoaldo Freitas<sup>3</sup>, analisando como os referidos literatos desenvolvem toda uma argumentação, com o objetivo

---

<sup>1</sup> Doutor em História, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPI, Tutor do PET- História, autor do livro *Mulheres plurais*, publicado pela editora Bagaço do Recife. Publicou artigos em periódicos especializados como a *Revista História Unisinos*, *Revista História Hoje* da ANPUH, *Caminhos da história* - UNIMONTES e *Opsis*. É co-líder do Grupo de pesquisa “História, Cultura e Subjetividade” do CNPQ. E-mail: pedrovilarinho@uol.com.br

<sup>2</sup> Abdias da Costa Neves. Nasceu em 1876 em Teresina, onde faleceu em 1928. Bacharel em direito (Recife 1898). Ocupou vários cargos públicos entre eles o de Professor do *Liceu Piauiense* e da *Escola Normal*. Foi Senador da República e autor de vários livros entre eles o romance *Um manicaca*.

<sup>3</sup> Clodoaldo Freitas. Nasceu em 1855, na cidade de Oeiras e faleceu em 1924 em Teresina. Estudou no *Seminário das Mercês*, em São Luiz do Maranhão e bacharelou-se em direito pela *Faculdade do Recife*, em 1880. Ocupou vários cargos públicos no Piauí, Maranhão e Pará. Sua obra literária conta com ficção, crônicas de assuntos variados, é fundador da *Academia Piauiense de Letras*.

de prescrever à sociedade do início do século XX, novas formas de perceber e vivenciar o espaço da casa e as relações familiares. Condenavam comportamentos ditos, por eles, como inadequados e procuravam dar outros significados à casa e a família, definindo-os como lugares de intimidade e privacidade. Começemos a argumentação pela análise de um trecho de Clodoaldo Freitas, no qual, utilizando-se do personagem Jerônimo de Pádua, aborda várias das questões que vão estar no centro da discussão aqui proposta:

Jerônimo seguiu e entrou em casa. Aí onde o não esperavam as carícias de uma esposa, os afagos de filhos queridos, a suave influência da ventura da família e onde era senhor absoluto.

Sentia, agora, o vácuo que se fazia em roda dele, só na vida, rico e sem família. Compreendia quanto era triste a sua existência passada no meio do dinheiro e de escravos, partilhando amores ilícitos com suas escravas, tendo filhos que estavam no cativeiro. O dinheiro que lhe servia pra tanta coisa, não lhe dava confortos morais, paz de espírito, um ninho de bondade feminina, os gozos da família, a bem aventurança dos carinhos dos filhos (FREITAS, 1910, p.02).

O trecho do romance *O Plácio de Lágrimas*, acima transcrito, retrata a angústia do protagonista Jerônimo de Pádua diante da solidão que se abatia sobre ele. Sua casa não se caracterizava como lugar de privacidade e intimidade. Acostumara-se à vida no meio dos escravos, a aplicar punições severas aos corpos dos cativos, a se utilizar dos corpos das mulheres para saciar suas vontades, seus desejos, a escolher, entre as muitas escravas, sua favorita eventual, gerando filhos para viverem em cativeiro. Aparentemente, o que mais angustiava o personagem de Clodoaldo era a sua incapacidade de ter construído uma família, um lar, uma casa confortável, onde o carinho da esposa e dos filhos lhe traria o descanso, a paz de espírito, a confiança de sentir-se querido, confortável, aconchegado no meio dos seus. Uma família onde os laços de afetividade e de respeito unissem pais e filhos.

Clodoaldo Freitas coloca nas aspirações de Jerônimo de Pádua o padrão familiar moderno. Pode-se, a partir dos anseios da personagem, mapear a cartografia desejante do próprio autor. Ele desejava uma família nuclear, onde a casa representasse o espaço de convivência reservada, separada do resto do corpo social, onde a família, formada por pai, mãe e filhos, pudessem conviver intimamente; onde

a esposa fosse a companheira legitimada por uma relação, moldada na livre escolha dos cônjuges, onde o amor, o afeto e o respeito se fizessem presentes, onde os filhos completassem esse cenário familiar ocupando espaço central na vida dos pais, e ainda, onde homens e mulheres pudessem exercer a paternidade e a maternidade com desvelo e atenção.

A família, como definida anteriormente, está no centro da prática escriturística.<sup>4</sup> É esse modelo familiar moderno que eles prescrevem à sociedade como o mais adequado, como o modelo que traria maior equilíbrio emocional às pessoas e que se adaptaria também ao novo ordenamento social em construção. Essas novas idéias sobre a família e sobre a casa mostram que o discurso dos literatos estava ligado a toda uma teorização sobre a família, desenvolvida por filósofos europeus nos séculos XVIII e XIX. Nesse período a família foi alçada à condição de célula base da sociedade, sendo percebida como centro irradiador do novo ordenamento social, tornando-se para pensadores ocidentais objeto de saber e poder. Filósofos como Kant, Hegel, Guizot e depois Comte e Spencer, ou ainda teóricos ligados ao catolicismo dedicaram parte de seus escritos e preocupações à família. Estes pensadores acreditavam que tal instituição era importante demais para ser deixada ao acaso. Na verdade procuravam elaborar saberes que influenciassem as práticas familiares cotidianas, no sentido de transformá-las, adequando-as a padrões discursivos impostos como verdades, como padrão hegemônico (PERROT, 1991, p.93-103).

Os historiadores que analisam as relações familiares na transição das sociedades tradicionais para a modernidade afirmam que as transformações nas relações familiares se davam em três aspectos: primeiro, na construção de uma nova idéia da casa como espaço de intimidade, de convivência reservada, separada do resto do corpo social, por parte dos membros da família; segundo, através de uma nova forma de percepção e vivência da relação conjugal, onde a idéia de amor, de

---

<sup>4</sup> A idéia de prática escriturística trabalhada no texto é um conceito de Certeau (1996). Para o autor, prática escriturística é um procedimento, uma prática que procura ordenar, dar racionalidade ao corpo social. Neste discurso está presente um conteúdo disciplinador que é criado e propagado a partir de formas de saber-poder produzidas dentro de espaço próprio, institucionalizado como o discurso jurídico, pedagógico e religioso. Cada uma dessas formas discursivas procurando desenvolver a prática escriturística do corpo social, ordenando-o, procurando homogeneizá-lo (CERTEAU, 1996. p.224-226).

livre escolha entre os cônjuges, tornava-se o novo eixo das ligações familiares; e, por fim, a nova forma de relacionamento que passava a existir de maneira mais intensa entre pais e filhos, na forma do amor materno e paterno. A análise que está sendo proposta se desenvolverá partindo apenas dos dois primeiros aspectos apontados para a construção da vivência de relações familiares modernas (SHORTER, 1975, p.11-12).

Os literatos que assumem a prática de escrever, de definir, de prescrever à sociedade a forma que as relações familiares devem seguir, constroem um saber, uma verdade sobre essas relações, com o objetivo de ajustá-las a padrões discursivos que buscavam se impor como hegemônicos. Definiam o que seria legítimo, aceitável, mas também, o que seriam práticas condenáveis, que deveriam entrar em desuso, serem abandonadas como coisas rústicas, ultrapassadas, velhas. Hábitos arraigados nas sociabilidades, na forma de convivência provinciana e quase coletiva que era a marca da sociedade, onde tais literatos atuavam.

A literatura surge assim como um meio, como uma estratégia de ação que seria utilizada pelos literatos para entreter, para ser consumida com prazer, mas também para educar. Ela teria um sentido didático, fazendo a propaganda de modelos familiares, de formas de convivência. As formas assumidas por essa prática escriturística é o que interessa de perto a este ensaio.

Na documentação analisada, a casa não parece ser significada pelas pessoas como sendo lugar de privacidade dos membros da família. De portas e janelas abertas para a rua, elas parecem manter com os espaços públicos uma relação interativa. Casa e rua formam uma unidade na Teresina do final do século XIX e início do século XX. As pessoas penetravam nas residências vizinhas, sem muita cerimônia, sem se fazer anunciar previamente, sem avisar de sua entrada e não percebiam nisso nenhuma inconveniência, nem uma transgressão das normas sociais de convivência.

Outro hábito sintomático da falta de percepção da casa como espaço de intimidade diz respeito à constante presença de pessoas estranhas, a dividir com os familiares o espaço da casa. Muito mais que lugar de moradia, a casa continuava a ser, no início do século XX, lugar de produção que contava com a presença intensa e constante de

pessoas estranhas ao grupo familiar. Isso se devia às precárias condições materiais do meio fazendo com que um número significativo de serviçais fosse necessário para tocar as atividades cotidianas desenvolvidas na casa, mas também pelas sociabilidades familiares tradicionais onde práticas de solidariedade entre membros de uma família larga se faziam presentes.

Um terceiro fator que dificultava a intimidade e privacidade dos moradores da casa eram as próprias condições físicas das construções. Muitas vezes, seguindo concepções arquitetônicas antigas, caracterizavam-se pela presença de alcovas, de meias paredes, de portas com trancas frágeis ou mesmo inexistentes. O hábito de trancar-se determinava a imposição de limites às outras pessoas, era a demarcação de um espaço segregado aos da casa, e isso não era bem visto na mentalidade da sociedade tradicional (GAY, 1998, p.320).

Na prática de escriturar, de dar novos significados à casa, os literatos definiam as novas sociabilidades, apontavam para a distinção entre espaços públicos e privados. Cada vez mais as atividades produtivas e mesmo as de lazer deveriam migrar para os espaços públicos, reservando à casa o lugar do privado e íntimo, onde a família pudesse usufruir de sentimentos novos, caros às sociabilidades familiares modernas.

No romance *Um Manicaca*<sup>5</sup>, Abdias Neves dá vazão à prática de definir escriturísticamente essa nova concepção dos espaços sociais, estabelecendo distinções, procurando didaticamente apontar para novos comportamentos e para a inconveniência de determinadas situações usais na sociedade, na sua escrita, se mostra capturado pela idéia burguesa de privacidade, pela positivação da intimidade na vida conjugal e familiar, e ainda, por um pudor com relação ao corpo (ARIÈS, 1992, p.11).

O espaço da casa é ressignificado como lugar de repouso, reservado à família e onde a presença de estranhos deveria ser algo eventual e seguir ritual de apresentação. As práticas tradicionais, no entanto apontavam para certa indistinção entre o que era público e o que era privado. Por isso, Abdias recorre à representação de algumas situações para mostrar sua reprovação a essas atitudes.

---

<sup>5</sup> Manicaca era um termo utilizado em Teresina, no final do século XIX e início do século XX, para designar os homens controlados pela mulher. Abdias Neves usou o referido termo para denominar seu romance publicado em primeira edição em 1909.

Reprovável para ele era o comportamento do personagem Pedro Gomes, que ao chegar em casa à noite, entra no quarto da filha Júlia sem avisar – Sem refletir na inconveniência do que ia fazer, fora ao quarto onde dormia a moça e abriu a porta – (NEVES, 1985, p.38). Ao rotular tal situação como inconveniente, o autor acena para a idéia de que o quarto de dormir deve ser percebido como espaço de intimidade, devendo ser preservado dos olhares. O segundo fator de inconveniência na atitude de Pedro Gomes é o fato de entrar desavisadamente no quarto de uma mulher, o pudor que deveria cercar esse espaço de intimidade feminina não permitia que ele fosse violado principalmente por pessoas de outro sexo.

Um segundo momento em que Abdias Neves trata da inconveniência da presença de pessoas estranhas aos espaços privados retrata a forma sem cerimônia como as pessoas entravam na casa onde residia o casal Praxedes e Mundoca. A atitude não causa nenhuma estranheza nem ao proprietário da casa, nem aos visitantes, que pareciam estar cumprindo um ritual corriqueiro e usual na cidade:

Desde 11 horas da manhã apareciam visitantes, apesar do sol que escaldava a rua. Entravam sem cerimônia, por toda parte, vendo tudo, dando a procedência de alguns objetos, discutindo o preço de outros, fazendo alusões, abusando da ausência do noivo para não deixarem coisa alguma sem exame rigoroso. A todo o momento estalavam risos pela casa, sonoramente acentuando pilhérias mais ou menos picantes. [...] Todo mundo, senhoras e moças especialmente, ali entravam e saíam, muito naturalmente, sem pensar na impertinência da visita, desculpadas pela opinião que sancionava esse costume. Fazia-se, com ele, o que se fazia com os outros noivos (NEVES, 1985, p. 128).

Em outro trecho do romance, Abdias utiliza-se do personagem Ernesto, aluno de Direito na *Faculdade do Recife*, rapaz que freqüentara outros meios, aprendera novas formas de sociabilidades e agora comentava da inconveniência, do atraso de certos hábitos usuais na cidade no começo do século XX. Desta feita, a crítica de Abdias direciona-se à exposição do leito nupcial de Praxedes e Mundoca aos mexericos e comentários:

Todos os dias encontro novo sintoma de atraso e fale-se que é um Deus nos açuda! A festa está correndo regularmente. Mas uma coisa está encabulando-me. Quer saber?

Diga-me, você que conhece melhor a terra: para que aquela cama exposta, bem às vistas de todos? Tinham seguido conversando e achavam-se sentados, frente a frente, na alcova. [...] Para quê? Diga! – Fica em exposição, defronte das janelas, preparada, cheirosa, à espera dos noivos -[...] Ontem vi duas senhoras sentarem-se aí. Riam-se apalpando os colchões, revolvendo os travesseiros. Que alegria era essa? - [...] Não são apenas essas duas ou três moças. Os rapazes andam pior. Vi alguns se sentarem aí, fazendo as mais cruas observações (NEVES, 1985, p.131).

Faltava à população a compreensão da inconveniência de certas atitudes. Determinados espaços da casa como o quarto, deveriam se tornar lugar de privacidade, onde se daria de forma escondida, segredada o enlaçamento íntimo do casal, esse lugar deveria ser preservado de comentários, de indiscrições, de visitas abusadas, que procuravam usar da imaginação para desvendar os momentos íntimos, os primeiros contatos entre os esposos.

A fala de Abdias procura dar outros significados também à sexualidade no âmbito conjugal. Os literatos condenavam a indiscrição das pessoas em indagar sobre a noite de núpcias, sobre a vida sexual do casal. Para ele os eventos da vida conjugal deveriam ser segredados, a vida íntima do casal a eles pertencia. O pudor em torno da noite de núpcias e da vida afetiva parece se instalar como valor nas sociedades burguesas. É a esse sentimento que ele se refere, quando Mundoca é intimada pelas amigas solteiras, a lhes revelar os acontecimentos da noite de núpcias. Mundoca, para livrar-se da insistência das amigas, promete contar-lhes tudo o que ocorresse, no dia seguinte, entretanto, nada revela. Seu silêncio é enaltecido por Abdias como uma atitude correta, o segredo da vida conjugal mantêm-se entre o casal (GAY, 1998, p.319-324).

Abdias Neves critica ainda a atitude das amigas de Mundoca em outro momento. Quando a noiva se preparava para a cerimônia de casamento, as amigas a acompanharam dentro do quarto e, ainda mais: sem perceberem nenhuma inconveniência na situação, observaram todo o ritual de tomar banho e de arrumar-se da noiva. Abdias vê nessa atitude uma grande intromissão na privacidade das pessoas, e demonstra todo o seu incômodo no seguinte trecho:

Mundoca, entretanto banhava-se na presença de Rosinha e Emília Figueiredo que tinham vindo passar o dia em sua casa. Não houve meio de evitar que a acompanhassem ao banheiro e lá estavam tagarelando (NEVES, 1985, p. 109).

A crítica de Abdias se estende também à freqüência de pessoas estranhas no espaço da casa. Os hábitos coloniais que contavam com a presença de inúmeros serviçais e agregados, os quais faziam da família grupos de pessoas que iam muito além do marido, da mulher e dos filhos, reunindo indivíduos que não tinham entre si nenhum laço de consangüinidade, eram percebidos como fator de risco à privacidade (COUTINHO, 1994, p.31-35).

A presença de estranhos, de serviçais é sempre apontada pelos literatos como motivo de desequilíbrios, de quebra da ordem, como provocadores de conflitos. É assim que Abdias critica a presença de Luiz Borges, funcionário de Araújo, que vai morar num quarto na casa do patrão. Divide com a família os mesmos espaços, convive cotidianamente, com todos, aproximando-se perigosamente de Júlia e acabando por envolver-se com a mulher do patrão, se tornando seu amante. Os encontros eram possibilitados pela convivência que Luiz Borges tinha dentro da casa do patrão.

Clodoaldo Freitas também expressa a mesma opinião em seus romances. Em *O Palácio das Lágrimas*, a casa de Jerônimo de Pádua, personagem já referido, é caracteristicamente marcada pela falta de intimidade e privacidade entre o proprietário e seus familiares. A casa era habitada por parentes, por escravas que cuidavam das tarefas domésticas cotidianas e de uma produção de rendas e bordados, que serviam, sobretudo, para Jerônimo escolher suas favoritas ao posto de amantes.

O romance mostra que a privacidade torna-se ainda mais fragilizada diante da chegada do novo sócio de Jerônimo que, atendendo a convite do anfitrião, traz para o convívio da casa, a mulher, as cunhadas e os filhos pequenos. A casa torna-se espaço de brigas, de interesses, de amores ilícitos, culminando com o assassinato de Jerônimo de Pádua dentro do seu próprio domicílio (FREITAS, 1910, p. 3).

Em *Por um Sorriso*, Clodoaldo Freitas volta mais uma vez a criticar a inconveniência da presença de pessoas estranhas no espaço familiar. Desta feita é o jovem estudante de Direito que, ao passar as férias na fazenda da família de um amigo, torna-se motivo de inúmeros distúrbios, ao envolver-se secretamente com a madrasta do colega. Mais uma vez é a presença de pessoas de fora que promove conflitos (FREITAS, 1909, p.4).



As condições de construção das casas são ainda um fator que dificultava a vivência da privacidade. Em *Um Manicaca*, Abdias retrata como as portas mal fechadas e frágeis foram responsáveis pela descoberta dos segredos íntimos da personagem Júlia. Quando moça, o pai flagra o seu encontro íntimo com o namorado no quarto de dormir, depois de casada é o marido quem flagra seu encontro com o amante. Entretanto, as condições materiais de moradia poderiam, por outro lado, facilitar e encobrir determinadas atitudes ousadas. É assim que a escuridão da noite e a fraca iluminação das casas, bem como o hábito de manter pequenos pomares nos quintais, ou ainda a construção de estábulos, de depósitos nos fundos das casas, serviriam para encontros entre amantes audaciosos (NEVES, 1985, p.92).

Na prática escriturística dos literatos, a família deveria ganhar ainda outros significados, ao incorporar novas sensibilidades. Deveria se tornar um lugar quente de afetos, onde pai, mãe e filhos deveriam vivenciar a troca de carinhos e atenção. Não significa dizer que essas sensibilidades só passaram a existir no período em estudo, mas que as novas sensibilidades se impunham no discurso dos literatos como norma social pela qual as pessoas seriam cobradas.

No mundo de sociabilidades familiares modernas, que os literatos escrituravam como apropriadas, certos hábitos presentes nas sociedades tradicionais assumiam caráter condenável. Deveria entrar em declínio o universo social tradicional onde os interesses individuais sucumbiam diante das vontades familiares representadas pelos homens na função de pai, em que os casamentos não tinham como motivação principal os desejos sentimentais dos nubentes, não sendo espaço de paixões, de encantos e realizações amorosas. As práticas tradicionais permitiam que acertados os pontos de interesses dos grupos familiares, se fizessem casamentos entre pessoas que não tinham grandes afinidades, a não ser o fato de pertencerem a um mesmo grupo social.

A disparidade de idades, que era uma barreira na aproximação e na construção de laços afetivos entre o casal, tornava-se costume condenado pela escrita dos literatos. No entanto, nessa sociedade, a relação de subordinação das mulheres às figuras masculinas até mesmo exigia essa diferença etária, posto que, muitas vezes, viria a favorecer a construção de uma relação de submissão feminina, pois diante de homens maduros, as mulheres, quase meninas, assumiam uma postura

respeitosa. Ainda no início do século XX, as mulheres não perceberão no esposo um igual, a ele sempre estarão reservadas algumas regalias, maior liberdade de ação social, melhores lugares, melhores refeições, um certo ar de reverência ao marido senhor. Mesmo no aspecto da vivência da sexualidade, os homens continuarão a ter regalias inimagináveis às mulheres (RAGO, 1991, p.47).

Diante da nova dimensão que a sociedade ocidental estabelece para as relações familiares, a temática do amor também ganha espaço na escrita dos literatos, problematizada de forma bastante profícua, apontada como altamente desejável nas relações entre pais e filhos e entre os casais (D'INCÃO, 1995, p.237). Dessa forma, Clodoaldo Freitas, em várias oportunidades, constrói reflexões sobre o amor, sobre sua relevância, vai assim definindo tipologias, escriturando as formas de amor que seriam mais apropriadas aos relacionamentos conjugais, assim como as que poderiam ser vivenciadas fora da conjugalidade.

Ao tratar do amor entre um homem e uma mulher, ele define a existência de três tipos de amor possíveis. Em primeiro lugar, o amor presente na vida das pessoas íntegras, fortes, indivíduos são de corpo e espírito; essas pessoas seriam capazes de nutrir pelo ser amado um amor terno, calmo, paciente e resistente a todas as dificuldades; Um segundo tipo de amor definido pelo autor é o amor vibrante, ruvinhoso, doentio, pois tornava as pessoas capazes de cometer suicídio, ou de matar o ser amado. É o amor dos crimes passionais. A terceira e última forma de amor descrita é o amor vulgar e banal, marcado pelo desejo intempestivo, lascivo e efêmero, “que uma noitada sacia e a ausência de um dia apaga” (FREITAS, 1921, p.2-3).

Para Clodoaldo, as pessoas deveriam compreender a natureza dos sentimentos e, a partir daí, buscarem o amor terno, calmo, somente ele poderia trazer o equilíbrio às relações familiares. Na sua problematização há, também, a clara intenção de disciplinar os afetos, de legitimar e prescrever como mais apropriados alguns tipos de amor, mais contidos, brandos e de condenar as paixões onde o desejo, os prazeres ligados excessivamente à libido, e por isso mesmo, capazes de provocar transtornos aos princípios disciplinadores das relações entre os sexos.

As mulheres são definidas por Clodoaldo Freitas como as maiores vítimas dessas relações amorosas que só visam saciar os desejos da carne. Ditas como fisiologicamente frágeis e sem contar com

formação moral apropriada para resistir aos instintos carnis acabam sendo vítimas de homens inescrupulosos, de uma gravidez indesejada decaindo socialmente e moralmente diante das tiranias sociais que a desqualificam. Clodoaldo ilustra os perigos da referida forma de amor em *Mãe Dolorosa*, através da personagem Maria, grávida e abandonada pelo amante:

Todo mundo ama assim, por que deseja assim o sexo oposto. Encontram-se duas criaturas e apaixonam-se uma pela outra. É o cio, é o desejo carnal, é a ânsia pelo gozo material. O cio passa de ambos os lados com a saciedade, que o verdadeiro amor desconhece. Daí o esquecimento, o tédio, o abandono, a tão fadada ingratidão. Tu amaste assim, não foi? (FREITAS, 1921, p.3).

Clodoaldo também afirma que o amor romântico precisava respeitar alguns limites, caso contrário, a dor e o sofrimento se fariam irremediavelmente presentes. No romance *Os Burgos*, a dor e o sofrimento são provenientes dos excessos do amor romântico em um caso extremo, a relação incestuosa entre os irmãos Burgos, que embebedados pela doçura do amor paixão, enveredam por uma relação incestuosa, rompendo com os limites morais da sociedade. Pagam com a morte e a infelicidade por tal ousadia. A relação moralmente condenável sofre, na perspectiva do autor, também sanções da natureza, à medida que os filhos da relação incestuosa nasciam mortos. Relações infrutíferas, fadadas à infelicidade. As escolhas amorosas deveriam recair sobre relações sadias, respeitando os princípios morais, e os ensinamentos da ciência, que condenava as relações entre parentes próximos (FREITAS, 1912, p.22-31).

Seguindo na tarefa de esclarecer sobre as formas corretas de vivenciar a afetividade, Clodoaldo cria inúmeros casos em que o amor é encarado de forma positiva. Objetivado por ele como um sentimento calmo, paciente, capaz de resistir à distância e ao tempo. É esse amor verdadeiro que une Santinha e Emílio no romance *Memórias de um Velho*, a distância, os inúmeros desencontros da vida afastaram os dois por muito tempo, fazendo com que se reencontrassem já na proximidade da morte de Santinha, que morre tranqüila, na certeza de ter consigo o amor de Emílio. O verdadeiro amor é escriturado como algo que não busca apenas saciar os instintos carnis, é coisa de pessoas de espírito íntegro, que amam o

corpo, mas, também, o espírito, pessoas que sabem cuidar, proteger, compreender, perdoar e esperar (FREITAS, 1906)

No entanto os grupos sociais médios e as elites, os quais durante séculos viram nas escolhas conjugais um assunto de família, que envolvia a transmissão do patrimônio familiar e mesmo a criação de novas unidades produtivas; ou ainda o momento propício de fortalecer as alianças com outros grupos de elite, não passará, a não ser de forma gradual a outras motivações nas escolhas conjugais. A prática de casamento dentro do mesmo grupo social continuará muito presente na sociedade, no entanto, os rapazes e as moças seriam agora treinados para fazer as escolhas.

Ao observarmos atentamente a documentação, podemos perceber a multiplicidade das práticas presentes nas escolhas conjugais. Lançaremos inicialmente os exemplos criados por Abdias Neves no romance *Um Manicaca*. Abdias discute em várias passagens do texto as relações conjugais, condenando determinadas atitudes como tradicionais, antigas, e por isso mesmo incompatíveis com os novos modelos de sociabilidade moderna. É assim que inicia suas críticas aos modelos tradicionais apontando a desigualdade nas idades e as escolhas que levaram em consideração os interesses familiares em detrimento das vontades individuais.

O caso da personagem Júlia é ilustrativo dos interesses que estavam em jogo nas escolhas conjugais. Júlia é filha de Pedro Gomes, comerciante bem aquinhado na cidade, podendo sonhar com um genro que fosse comerciante, ou bacharel, um homem que desse continuidade ao processo de ascensão social que ele vinha conseguindo. No entanto, a escolha da filha recai sobre Luis Borges, empregado no comércio na função de guarda-livros. Ao apresentar o pretendente ao pai, a reação desse foi de completa contrariedade, não aceitando a hipótese de casar a filha com um simples empregado do comércio. A escolha da moça foi prontamente rechaçada pelo pai que via no casamento da filha, não a sua realização pessoal, a felicidade conjugal, mas, uma moeda de troca, capaz de propiciar a ele uma boa aliança familiar. Pedro Gomes acaba casando a filha com Araújo, um homem mais velho que Júlia, um tipo sugestível, porém com boa situação financeira. A moça casa, mesmo contra sua vontade.

O referido casamento é assim construído por Abdias Neves como uma relação viciosa desde a sua origem. Além da falta de

afinidade entre os noivos, a desigualdade nas idades seria outro fator negativo. Araújo, mais velho, não poderia corresponder aos anseios de uma mulher jovem como Júlia.

Precisava de um marido de vinte anos e o que lhe fora imposto pela vontade paterna estava em condições de adotá-la como filha. Precisava de um homem são, e o pai que não quisera atendê-la, havia lhe dado um moribundo (NEVES, 1985, p.150).

Se Araújo torna-se manicaca, se, além disso, é traído pela esposa, isso se devia aos vícios de origem do relacionamento. Júlia, por seu lado, é descrita por Abdias como vítima do jogo de interesses do pai, das normas sociais patriarcais que davam aos homens poder excessivo e discricionário sobre os filhos.

Um segundo casal retratado por Abdias Neves no romance é o casal Praxedes e Mundoca. A relação dos dois aparece no texto de Neves como modelo paradigmático, casal formado a partir da livre escolha, pela admiração mútua, pelo conhecimento prévio e pelo estudo dos comportamentos e idéias de ambas as partes. Além do já exposto, Mundoca nutre devotado respeito às opiniões e idéias de Praxedes, o que dá ao casal o equilíbrio necessário para a manutenção da relação. Não há imposição familiar para o início da relação, porém os dois fazem escolhas totalmente compatíveis para os seus grupos familiares. Para a família de Mundoca, a filha casava muito bem, um rapaz de boa família, de boa formação, capaz de sustentar a moça e de trazer prestígio social à família da noiva, afinal de contas era um bacharel.

A escolha de Praxedes, por seu lado, era totalmente aceitável: Mundoca era mulher reservada, serena, boa filha, capaz de tornar-se boa esposa e mãe exemplar. Além disso, era filha de um rico comerciante, bem situado na cidade, o que a tornava uma mulher bem dotada para ser a esposa de um bacharel de futuro.

Se o exemplo de Praxedes e Mundoca é retratado como caso exemplar, onde dois jovens de idades e condições sociais equivalentes iniciam relacionamento de aproximação de onde brotam sentimentos e desejos mútuos, que acabam por desaguar na felicidade conjugal, o caso de Júlia e Araújo, cujo casamento nascia da imposição paterna, e não dos desejos e sentimentos dos cônjuges, e onde a diferença de idade, de mais de dezesseis anos, se impunha como outro empecilho é criado

pelo autor como uma relação doentia, viciosa, fadada à infelicidade e à infidelidade conjugal.

O fato de as escolhas conjugais serem agora lastreadas em afetos, no amor, não transformam necessariamente a vida conjugal em espaço de felicidade. Os conflitos, o mal querer, as disputas, a infidelidade, a distância entre homens e mulheres continuam a ser uma possibilidade na vida de casados (COUTINHO, 1994, p.26-30). A trajetória de Laura, personagem da peça teatral *Astúcia de Mulher*<sup>6</sup>, ilustra bem os desejos e as angústias de muitas mulheres recém-casadas:

É realmente para desesperar!... casa-se a gente esperando um paraíso de delícias, um céu constante de gozos e felicidades, para depois, mal passado os quinze primeiros dias ter saudade da vida de solteira. Ainda não tenho seis meses de casada, e já me queixo da sorte. Noites inteiras completamente isolada, a me rolar na cama, ouvindo o tic-tac monótono do relógio, enquanto Jorge (o esposo) vive do clube para as farras, dos bailes para o jogo! (BATISTA, 1925, p.04).

A história de Laura e Jorge é ilustrativa dos conflitos de interesses e desejos em torno da vida conjugal. As mulheres por um lado se deixavam capturar pela idéia do casamento como lugar quente de afetos, de sensibilidades, a idéia da família moderna parece ser aceita com mais facilidade pelas mulheres. Afinal de contas, as novas sociabilidades familiares a colocavam em situação de certa igualdade com os homens. O fato das escolhas matrimoniais atenderem à vontade dos cônjuges, aos interesses sentimentais do casal, parece ser uma demonstração de que o poder masculino sobre as escolhas matrimoniais está diminuindo, e que as mulheres, estão participando dessa escolha de forma mais igualitária (MUNIZ, 2003, p.60-75).

Em grande medida elas parecem aceitar a nova condição feminina, a principal queixa das mulheres é a falta de reciprocidade masculina. Ao aceitarem o jogo do amor romântico, ao se entregarem a uma vida conjugal onde os maridos são agora escolhidos livremente, elas esperavam que os afetos, que a atenção, que o envolvimento emocional fossem recíprocos. No entanto, a insistência masculina em não se deixar capturar pelas normas de convivência familiar modernas,

---

<sup>6</sup> *Astúcia de Mulher* é uma peça teatral de costumes teresinenses, de autoria de Jônatas Batista, encenada em Teresina em meados dos anos 1920.

por insistirem na vivência cotidiana de uma dupla moral que lhes possibilitava maior movimentação social, se tornava, em alguns casos, ponto de conflito entre os casais.

Os literatos, na sua prática escriturística, prescreviam às famílias um modelo de relacionamento marcado pela ordem e pela hierarquia, onde as figuras masculinas deveriam continuar comandando o grupo familiar. As mulheres, por seu lado, deveriam aceitar resignadamente a orientação do marido, se não concordavam com suas idéias, deviam pelo menos, tolerantemente respeitá-las e não buscar o confronto.

È essa compreensão da relação entre marido e mulher que Clodoaldo Freitas diz faltar no personagem Guilhermina, esposa de Emílio, do romance *Memórias de um Velho*. Emílio havia escolhido Guilhermina para esposa por perceber nela uma mulher modesta, econômica, simples e trabalhadora. Depois de algum tempo de casada, ela se revelou uma mulher autoritária, que procurava controlá-lo, querendo mandar em tudo, desautorizando o marido em público, o que provocava conflitos freqüentes entre o casal e, finalmente, a separação. Para Clodoaldo, a relação conjugal entre Emílio e Guilhermina perde seu ponto de equilíbrio, quando a mulher insensatamente não aceita a orientação do esposo, sua autoridade de chefe da família e passa a enfrentá-lo, a questioná-lo de forma ameaçadora e desrespeitosa (FREITAS, 1906).

Em síntese, os literatos tomam a vida familiar como um problema que precisa ser repensado, significado dentro de outros parâmetros. Na documentação, o incômodo dos literatos com algumas atitudes da população mostra que havia um descompasso entre algumas práticas cotidianas da sociedade e as propostas apresentadas pelos literatos ao corpo social. No entanto, não podemos dizer que as propostas dos literatos foram repudiadas, ou que não foram incorporadas pela população. As propostas de significar os espaços públicos e privados como distintos, a idéia de intimidade, de privacidade e a interferência dos afetos nas escolhas conjugais são propostas que se tornarão muito presentes na sociedade nas décadas subseqüentes.

A força das práticas já arraigadas na sociedade procura adequar as novas propostas aos velhos costumes, é assim que a relação entre casa e rua só muito lentamente vai se modificando, até considerar-se um incômodo, as visitas sem aviso prévio. As portas foram se fechando, alguns espaços da casa sendo significados como

íntimos, definindo de forma patente a distinção entre o que era público e o que era privado, familiar.

O crescimento da relação com a escola e a maior presença da cultura escrita no meio social da cidade, aliados à continuidade da vivência no meio urbano, possibilitará que as propostas dos literatos sejam incorporadas à vida cotidiana. No entanto, esse processo se dará dentro das condições e do ritmo em que a cidade de Teresina foi historicamente se inserindo no mundo da cultura escrita, no mundo da modernidade, marcado pelas relações capitalistas. A presença ainda forte das sociabilidades rurais, do mundo tradicional, e a fragilidade das atividades econômicas urbanas impunham limites, faziam com que o discurso dos literatos, propondo mudanças nessa vivência familiar, não fossem incorporados nas práticas e vivenciados com o ritmo e a intensidade que tinham em outros centros urbanos maiores, onde as relações com o mundo capitalista eram mais intensas.

Em síntese os texto de Abdias Neves e Clodoaldo Freitas assumem, no nosso entendimento um caráter prescritivo, buscavam definir os comportamentos cotidianos que seriam compatíveis com padrões de convivência social modernos, ao tempo em que condenavam as práticas que segundo eles deveriam ser percebidas como arcaicas coisas velhas, rústicas que deveriam ser esquecidas em nome de uma civilidade e de formas de sociabilidades burguesas que supostamente seriam superiores e que deveriam se impor e se homogeneizar.

## Referências

ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, R. (Org.) *História da vida privada: da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 7-19. v. III.

BATISTA. Jônatas. Astúcia de mulher. *O Piauí*. Teresina, ano XXXVI, n. 88, p. 04, 16 abr.1925.

COUTINHO. Maria Lúcia Rocha. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

D'INCÃO. Maria Ângela. O aburguesamento da família e as novas formas desensibilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP / Contexto, 1997.



FREITAS, Clodoaldo. O palácio de lágrimas. *Jornal a notícia*. São Luis, ano LXI, n. 11094, p. 02, 22 jun. 1910.

\_\_\_\_\_. Coisas da vida. *Diário do Maranhão*. São Luis, ano XXXIX, n. 10.628 a 10.660, 16 dez. 1908 a 23 jan. 1909.

\_\_\_\_\_. Mãe dolorosa. *Correio do Piauí*. Teresina, ano I, n. 61. p.2-3. 15 dez. 1921.

\_\_\_\_\_. Os Burgos I. *Litericultura*. Teresina, v. 1, p. 22-31, jan.1912.

\_\_\_\_\_. Memórias de um velho. *Jornal pátria* Teresina, ano IV, n. 254 a 272, 17 jan. 1906 a 09 fev. 1906.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUNIZ, Durval. *A invenção do falo*. Maceió: Catavento, 2003.

NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela. 1985.

PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PHILIPPE, Áries; GEORGES, Duby (Orgs.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. IV. p. 93-103.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SHORTER. Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar. 1975.

Artigo recebido em agosto de 2008 e aceito para publicação em outubro de 2008.

